Temas em Saúde
Volume 18, Número 3
ISSN 2447-2131
João Pessoa, 2018

Artigo

BINGE DRINKING ENTRE ESTUDANTES DE MEDICINA DE UNIVERSIDADES PARTICULAR E PÚBLICA DE UM ESTADO DO NORDESTE BRASILEIRO

BINGE DRIKING BETWEEN STUDENTS OF MEDICINE OF PRIVATE AND PUBLIC UNIVERSITIES OF A NORTHEAST BRAZILIAN STATE

Ana Karina Rocha Hora Mendonça[1]
Matheus de Souza Nogueira[2]
Renata Lima Batalha de Andrade[3]
Danilo Xavier Azevedo[4]
Carla Viviane Freitas de Jesus[5]
Sonia Oliveira Lima[6]

RESUMO – Objetivo: Avaliar o perfil de acadêmicos de Medicina, assim como o início, o padrão de consumo alcoólico e a prevalência de *binge drinking* entre estudantes de duas universidades. **Métodos:** Estudo transversal com os 255 acadêmicos de Medicina, do primeiro e do penúltimo período, de duas instituições da região metropolitana de Aracaju/SE, sendo uma pública e outra privada. Para avaliar o cálculo amostral mínimo, utilizou-se a fórmula de Pocock que correspondeu a 154 universitários. Aplicou-se questionários de características sociodemográficas e o Alcohol Use Disorders Identification Test (AUDIT), no período de dezembro de 2015 a abril de 2016. Foram incluídos os acadêmicos com idade igual ou superior a 18 anos e que assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Para a análise estatística, entre as variáveis categóricas, utilizou-se o teste qui-quadrado ($p<0,05$). O estudo foi aprovado pelo Comitê

[1] Mestre e doutoranda em Saúde e Ambiente, Departamento de Morfologia e Biologia Estrutural, Universidade Tiradentes, Aracaju, Sergipe, Brasil.
[2] Graduando em Medicina, Universidade Tiradentes, Aracaju, Sergipe, Brasil.
[3] Graduado em Medicina, Universidade Tiradentes, Aracaju, Sergipe, Brasil.
[4] Graduado em Medicina, Universidade Tiradentes, Aracaju, Sergipe, Brasil.
[5] Mestranda em Saúde e Ambiente, Departamento de Morfologia e Biologia Estrutural, Aracaju, Sergipe, Brasil.
[6] PhD, Departamento de Morfologia e Biologia Estrutural, ITP, Universidade Tiradentes, Aracaju, Sergipe, Brasil

DOI: 10.29327/213319.18.3-3
Páginas 31 a 55

Temas em Saúde
Volume 18, Número 3
ISSN 2447-2131
João Pessoa, 2018

Artigo

de Ética em Pesquisa, com parecer nº 1.383.959. **Resultados:** Avaliou-se 210 estudantes de Medicina com média de idade de 22,8 anos (DP=4,68). O sexo masculino correspondeu a 53,8%, solteiros (95,2%), católicos (58,5%), residentes com os pais (79%). Observou-se que 81,9% já consumiram bebida alcoólica na vida, a média de idade de experimentação foi de 15,67 anos (DP = 2,62) e que 21% fazem uso problemático do álcool. *Binge drinking* foi referido por 68,5% dos homens e 45,2% das mulheres. Esta prática por acadêmicas do penúltimo período foi, significativamente, maior que as do primeiro período (p<0,008). Os estudantes de ambos os sexos, do primeiro período, foram os que mais consumiram dez ou mais doses de álcool em um curto intervalo de tempo (p<0,008). **Conclusão:** Os alunos de Medicina, das duas universidades avaliadas, em sua maioria são jovens solteiros, católicos e residem com familiares. Estes informaram que o primeiro contato com o álcool ocorreu em idade precoce e a prevalência de consumo alcoólico de risco encontrada foi de 21%. A maior prática de *binge drinking* ocorreu entre estudantes do penúltimo período, principalmente mulheres, enquanto que a prática de ingerir dez ou mais doses de álcool foi prevalente no primeiro período em ambos os sexos. Desta forma, torna-se importante o incremento de políticas públicas preventivas para minimizar o consumo de álcool direcionados a jovens, além de desenvolver intervenções no meio acadêmico com a intenção de reduzir o impacto negativo causado pelo consumo etílico, na atuação dos futuros médicos.

Palavras-chave: Alcoolismo. Educação Médica. Estudantes de Medicina.

ABSTRACT – **Objective:** To evaluate the profile of medical students, as well as the beginning, the pattern of alcohol consumption and the prevalence of binge drinking among students from two universities. **Methods**: A cross-sectional study was carried out with 255 medical students, from the first and second to last period, from two institutions in the metropolitan region of Aracaju / SE, one public and one private. To evaluate the minimum sample size, we used the Pocock formula that corresponded to 154 university students. Questionnaires of sociodemographic characteristics and the Alcohol Use Disorders Identification Test (AUDIT) were applied between December 2015 and April 2016. Academic students aged 18 or over who signed the Free and Informed Consent Term were included. For the statistical analysis among the categorical variables, the chi-square test (p <0.05) was used. The study was approved by the Research Ethics

DOI: 10.29327/213319.18.3-3
Páginas 31 a 55

Temas em Saúde
Volume 18, Número 3
ISSN 2447-2131
João Pessoa, 2018

Artigo

Committee under nº 1,383,959. **Results**: A total of 210 medical students with a mean age of 22.8 years (SD = 4.68) were evaluated. The male sex corresponded to 53.8%, singles (95.2%), catholics (58.5%), residents with parents (79%). It was observed that 81.9% had already consumed alcoholic beverage in their lives, the mean age of experimentation was 15.67 years (SD = 2.62) and that 21% made problematic use of alcohol. Binge drinking was reported by 68.5% of men and 45.2% of women. This practice by academics from the penultimate period was significantly higher than those of the first period (p <0.008). The students of both sexes, of the first period, were those who consumed ten or more doses of alcohol in a short period of time (p <0.008). **Conclusion**: The medical students, from the two universities evaluated, are mostly young single, catholic and reside with relatives. They reported that the first contact with alcohol occurred at an early age and the prevalence of alcohol consumption at risk was 21%. The greatest practice of binge drinking occurred among students in the penultimate period, mainly women, whereas the practice of eating ten or more doses of alcohol was prevalent in the first period in both sexes. Thus, it is important to increase preventive public policies to minimize the consumption of alcohol directed at young people, as well as to develop interventions in the academic environment with the intention of reducing the negative impact caused by the consumption of alcohol in the actions of future doctors.

Keywords: Alcoholism. Alcohol consumption. Medical students.

INTRODUÇÃO

Entrar na universidade pode se tornar um período crítico na vida de muitos jovens, pois a autonomia pode gerar insegurança e maior vulnerabilidade. Nessa fase, os estudantes sofrem alterações em suas atividades diárias, o que pode fazer com que muitos deles tenham comportamentos pouco saudáveis, e a ingestão de bebidas alcoólicas é um deles (LORANT *et al*., 2013; PEUKER; FOGAÇA; BIZARRO, 2006; RAMIS *et al*., 2012). É importante lembrar que os indivíduos começam a ingestão de álcool em idade precoce e tendem a aumentar no período de transição da adolescência para a vida adulta (COOK *et al*., 2015).

Em relação aos possíveis fatores influenciadores para o consumo de álcool referentes ao ingresso no ensino superior, pode-se citar o afastamento dos jovens de suas

Temas em Saúde
Volume 18, Número 3
ISSN 2447-2131
João Pessoa, 2018

famílias. Muitos passam a residir em repúblicas e moradias estudantis, onde vivenciam novas situações, agem com maior autonomia e alimentam novas expectativas. De forma concomitante, há sobrecarga de estudos, estágios, compromissos e outras responsabilidades que podem tornar a vida acadêmica estressante (WAGNER; ANDRADE, 2008). Estes fatores tornam os estudantes mais vulneráveis a ter experiências ilícitas ou proibidas anteriormente (SILVA; PADILHA, 2011).

Adolescentes e jovens universitários apresentam alta prevalência de ingesta alcoólica e de consumo alcoólico abusivo (ROCHA *et al*., 2011), prática denominada *Binge Drinking*, que se caracteriza pelo consumo de grande quantidade de álcool em uma única ocasião, o que corresponde a quatro ou mais doses de bebidas alcoólicas para mulheres e cinco ou mais doses para homens, independentemente da frequência deste consumo (PATRICK *et al*., 2013).

O comportamento de beber problemático implica em transtornos à saúde física e mental, como também afeta a sociedade em geral (ROCHA *et al*., 2011). O Instituto Nacional de Abuso de Álcool e Alcoolismo reconheceu o uso indevido de álcool como o mais importante risco para a saúde dos estudantes universitários, devido às altas taxas de consumo, consequências negativas e transtornos relacionados ao uso do álcool (NIAAA, 2015).

Nesse contexto, o uso abusivo do álcool pelos jovens transformou-se em um problema de saúde pública, no sentido de que se constitui em fator de risco para a saúde de quem consome e de terceiros, com consequências como incapacidade e mortalidade. Além disso, essa prática de consumo intenso do etanol pode levar à intoxicação alcoólica aguda, que é a principal causa dos problemas relacionados ao álcool na população – como envenenamento por álcool, acidentes e violências –, e pode gerar graves consequências, mesmo para pessoas que têm um nível de consumo relativamente baixo (GARCIA; FREITAS, 2015; PATRICK *et al*., 2013). No caso de estudantes universitários, ainda pode acarretar consequências como falta às aulas, prejuízo do desempenho acadêmico, lesões, agressões sexuais, overdose, apagões de memória e déficit cognitivo (CARDOSO *et al*., 2015).

A divulgação de anúncios comerciais, sua associação com prazer, beleza, sucesso financeiro e sexual, constitui-se em um fator de risco para o uso indevido do álcool. Ademais, pode estar associado a comportamentos como dirigir alcoolizado, consumo de tabaco e comportamento sexual de risco (AMARAL *et al*., 2017; DUROY *et al*., 2017). De acordo com a Organização Mundial da Saúde, as políticas públicas, para

Temas em Saúde
Volume 18, Número 3
ISSN 2447-2131
João Pessoa, 2018

minimizar o consumo desta droga no país, são escassas, enquanto que incentivos para a sua ingestão, por meio de anúncios sobre essas bebidas, principalmente cerveja, são ostensivos (WHO, 2014).

A preocupação mundial do impacto negativo do consumo do álcool sobre os jovens e sociedade estimulou o presente estudo, que teve como objetivo avaliar o padrão e prevalência de consumo alcoólico e a prevalência de *binge drinking* entre do curso de Medicina de duas universidades da região metropolitana Aracaju/SE.

MÉTODOS

Trata-se de um estudo transversal e descritivo de abordagem quantitativa, realizado com alunos do primeiro e do décimo primeiro períodos do curso de Medicina, matriculados no período de dezembro de 2015 a abril de 2016, em duas instituições de ensino superior da região metropolitana de Aracaju/SE., sendo uma pública e outra privada.

Para o cálculo da estimativa da amostra considerou-se a contagem de estudantes matriculados no primeiro e no penúltimo período do referido curso, no ano de 2015-2016. Como o N (tamanho da população) é conhecido, a fórmula utilizada para o cálculo amostral foi a de Pocock. A amostra mínima neste estudo foi de 154 universitários, estimando-se uma prevalência mínima esperada de 50% do evento estudado, margem de erro de 5% e intervalo de confiança de 95%.

Os alunos incluídos no estudo foram os acadêmicos com idade igual ou superior a 18 anos, regularmente matriculados no primeiro ou no penúltimo período do curso de Medicina, presentes em sala de aula no momento da coleta de dados, e que concordaram em participar da pesquisa. Foram excluídos os indivíduos que preencheram os questionários deficientemente preenchidos.

Os instrumentos foram dois questionários autoaplicáveis: questionário sociodemográfico e o *Alcohol Use Disorders Identification Test* (AUDIT). Esse último desenvolvido pela OMS, composto por 10 questões relacionadas ao consumo de álcool nas versões brasileiras (LIMA *et al*., 2005). O AUDIT tem como objetivo detectar padrões do consumo alcoólico nos últimos 12 meses, auxiliando na realização de intervenções (SANTOS *et al*., 2012).

DOI: 10.29327/213319.18.3-3
Páginas 31 a 55

Temas em Saúde
Volume 18, Número 3
ISSN 2447-2131
João Pessoa, 2018

Artigo

Pesquisadores treinados coletaram os dados mediante três tentativas em cada sala de aula, de forma individual e durante horário normal de aula. Os pesquisadores apresentavam-se às turmas, esclareciam os objetivos da pesquisa e o sigilo das identidades dos participantes. Posteriormente, eram selecionados os estudantes maiores de idade para entrega do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), em duas vias, e dos questionários, cujo tempo de preenchimento não excedeu 20 minutos. Os questionários eram depositados em envelopes opacos, de maneira a não possibilitar a identificação dos respondentes.

Os dados foram alimentados em uma planilha do SPSS - *Statistical Package for the Social Sciences*, versão 16.0. A análise descritiva das variáveis qualitativas abrangeu frequência e porcentagem, e as variáveis quantitativas foram analisadas por meio de média e desvio padrão (DP). A análise estatística para testar a associação entre as variáveis foi realizada através do teste qui-quadrado. O intervalo de confiança foi de 95% e foram considerados valores estatisticamente significantes quando $p<0,05$.

O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Tiradentes sob o número de parecer 1.383.959.

RESULTADOS

Do total de 255 estudantes que cursavam o primeiro e décimo primeiro período dos cursos de Medicina regularmente matriculados, avaliou-se 210 estudantes, sendo 114 (54,3%) da instituição pública e 96 (45,7%), da privada. Desta população, 45 (17,6%) acadêmicos não apresentaram critérios de inclusão. A distribuição da amostra coletada está descrita na Tabela

TABELA 1: Distribuição dos alunos de Medicina por período de duas universidades da região metropolitana de Aracaju/SE – Brasil, 2015-2016 (n=210)

Período	**Medicina**	
	Pública	Privada
Primeiro	69	45
Penúltimo	45	51

DOI: 10.29327/213319.18.3-3
Páginas 31 a 55

Temas em Saúde
Volume 18, Número 3
ISSN 2447-2131
João Pessoa, 2018

Artigo

Total (n) (%)	114 (54,3)	96 (45,7)

A média de idade observada nos estudantes das duas universidades foi de 22,8 anos (DP=4,68). Constatou-se que 81,9% dos estudantes de Medicina já consumiram bebida alcoólica na vida e que a média de idade de experimentação foi de 15,67 anos (*DP* = 2,62).

Quanto às características sociodemográficas dos alunos, observou-se maior percentual de faixa etária entre 18 a 24 anos (69,2%); sexo masculino (53,8%); solteiros (95,2%); católicos (58,5%); que não exerciam a prática religiosa (53,3%); e residiam com os pais ou familiares (79,0%). A variável faixa etária apresentou distribuição homogênea entre as duas universidades. A instituição pública apresentou maior número de estudantes do sexo masculino e verificou-se maior quantidade de alunos católicos, na rede privada. Observou-se que 6,1% dos alunos da rede pública residiam em repúblicas, pensões ou afins e que, 18,8% dos estudantes da instituição privada, moravam sozinhos (Tabela 2).

DOI: 10.29327/213319.18.3-3
Páginas 31 a 55

Temas em Saúde
Volume 18, Número 3
ISSN 2447-2131
João Pessoa, 2018

Artigo

TABELA 2: Perfil sociodemográfico dos estudantes de Medicina de duas universidades da região metropolitana de Aracaju/SE – Brasil, 2015-2016 (n=210)

	PÚBLICA n (%)	PRIVADA n (%)	TOTAL n (%)	p*
Idade				
18 a 24 anos	76 (67,3%)	68 (71,6%)	144 (69,2%)	0,501
≥ 25 anos	37 (32,7%)	27 (28,4%)	64 (30,8%)	
Sexo				
Masculino	73 (64,0%)	40 (41,7%)	113 (53,8%)	0,001
Feminino	41 (36,0%)	56 (58,3%)	97 (46,2%)	
Estado Civil				
Solteiro	105 (92,1%)	95 (99,0%)	200 (95,2%)	0,020
Casado	9 (7,9%)	1 (1,0%)	10 (4,8%)	
Religião				

DOI: 10.29327/213319.18.3-3
Páginas 31 a 55

Temas em Saúde
Volume 18, Número 3
ISSN 2447-2131
João Pessoa, 2018

Católica	51 (45,1%)	70 (74,5%)	121 (58,5%)	
Espírita	9 (8,0%)	6 (6,4%)	15 (7,2%)	<0,001
Evangélica	15 (13,3%)	8 (8,5%)	23 (11,1%)	
Outras	38 (33,6%)	10 (10,6%)	48 (23,2%)	
Prática religiosa				
Sim	47 (41,2%)	51 (53,1%)	98 (46,7%)	<0,001
Não	67 (58,8%)	45 (46,9%)	112 (53,3%)	
Reside				
Pais ou familiares	90 (78,9%)	76 (79,2%)	166 (79,0%)	
Repúblicas	7 (6,1%)	0 (0,0%)	7 (3,3%)	0,008
Sozinho	10 (8,8%)	18 (18,8%)	28 (13,3%)	
Outros	7 (6,1%)	2 (2,1%)	9 (4,3%)	

*p – derivado do teste qui-quadrado

Com relação às características acadêmicas e/ou ocupacionais dos estudantes e prática de atividade física, verificou-se maior percentual de alunos que não exerciam trabalho remunerado e que praticavam atividade física. Apenas a variável trabalho remunerado apresentou diferença significativa entre as universidades, com maior percentual na rede pública (Tabela 3).

DOI: 10.29327/213319.18.3-3
Páginas 31 a 55

Temas em Saúde
Volume 18, Número 3
ISSN 2447-2131
João Pessoa, 2018

Artigo

TABELA 3: Características acadêmicas e/ou ocupacionais, hábito de fumar e prática de atividade física dos estudantes de Medicina de duas universidades da região metropolitana de Aracaju/SE – Brasil, 2015-2016 (n=210)

	PÚBLICA n (%)	PRIVADA n (%)	TOTAL n (%)	p*
Período cursado				
Primeiro	69 (60,5%)	45 (46,9%)	114 (54,3%)	0,048
Penúltimo	45 (39,5%)	51 (53,1%)	96 (45,7%)	
Trabalho remunerado				
Sim	32 (28,1%)	8 (8,5%)	40 (19,2%)	<0,001
Não	82 (71,9%)	86 (91,5%)	168 (80,8%)	
Prática de atividade física				
Sim	76 (66,7%)	54 (56,3%)	130 (61,9%)	0,122

DOI: 10.29327/213319.18.3-3
Páginas 31 a 55

Temas em Saúde
Volume 18, Número 3
ISSN 2447-2131
João Pessoa, 2018

Artigo

Não	38 (33,3%)	42 (43,8%)	80 (38,1%)	
Tabagismo				
Sim	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	
Não	114 (54,3%)	96 (45,7%)	210 (100%)	

*p – derivado do teste qui-quadrado

A Tabela 4 apresenta o padrão de consumo alcoólico dos estudantes de Medicina por instituição de ensino. De acordo com a classificação AUDIT, 125 acadêmicos (21%) faziam o uso problemático do álcool e foram enquadrados no padrão de consumo de risco. Não houve diferença significativa entre as duas universidades para essa variável (p = 0,152).

TABELA 4: Classificação AUDIT dos estudantes de Medicina 2015-2016 por universidades da região metropolitana de Aracaju/SE – Brasil, 2015-2016 (n=210)

	Pública n (%)	Privada n (%)	Total N (%)	p*
AUDIT				
Abstinente/ consumidor de baixo risco	92 (80,7)	74 (77,1)	166 (79,0)	
Consumidor de risco	20 (17,5)	14 (14,6)	34 (16,2)	0,152
Consumidor nocivo	2 (1,8)	7 (7,3)	9 (4,3)	
Provável dependência alcoólica	0 (0,0)	1 (1,0)	1 (0,5)	

*p – derivado do teste qui-quadrado

DOI: 10.29327/213319.18.3-3
Páginas 31 a 55

Temas em Saúde
Volume 18, Número 3
ISSN 2447-2131
João Pessoa, 2018

Artigo

O padrão de consumo de *Binge Drinking,* de acordo com o sexo e com o número de doses ingeridas, encontra-se descrito na Tabela 5. Observou-se que não houve diferença significativa desta prática entre as duas universidades avaliadas.

TABELA 5: Prática referida de diferentes níveis de *Binge Drinking* entre estudantes de Medicina de duas universidades da região metropolitana de Aracaju/SE – Brasil, 2015-2016 (n=210)

	PÚBLICA n (%)	PRIVADA n (%)	TOTAL n (%)	p*
Binge Drinking				
≥ 5 doses (sexo masculino)	44 (62,9%)	30 (78,9%)	74 (68,5%)	0,086
≥ 4 doses (sexo feminino)	17 (42,5%)	25 (47,2%)	42 (45,2%)	0,654
≥ 10 doses	14 (12,4%)	13 (13,8%)	27 (13,0%)	0,759
≥ 15 doses	3 (2,7%)	2 (2,1%)	5 (2,4%)	0,806

*p – derivado do teste qui-quadrado

DOI: 10.29327/213319.18.3-3
Páginas 31 a 55

Temas em Saúde
Volume 18, Número 3
ISSN 2447-2131
João Pessoa, 2018

Artigo

Nota-se que a prática de *binge drinking* por mulheres, estudantes do penúltimo período, foi significativamente maior que as do primeiro período. Os estudantes de ambos os sexos, do primeiro período, foram os que mais consumiram dez ou mais doses de álcool, num curto intervalo de tempo (Tabela 6).

TABELA 6: Prática referida de diferentes níveis de *Binge Drinking* entre estudantes de Medicina de diferentes períodos de duas universidades da região metropolitana de Aracaju/SE – Brasil, 2015-2016 (n=210)

	Primeiro Período n (%)	Penúltimo Período n (%)	TOTAL n (%)	p*
Binge Drinking				
≥ 5 doses (sexo masc)	44 (69,8%)	30 (66,7%)	74 (68,5%)	0,726
≥ 4 doses (sexo fem)	14 (31,1%)	28 (58,3%)	42 (45,2%)	0,008
≥ 10 doses	21 (18,8%)	6 (6,3%)	27 (13,0%)	0,008

DOI: 10.29327/213319.18.3-3
Páginas 31 a 55

Temas em Saúde
Volume 18, Número 3
ISSN 2447-2131
João Pessoa, 2018

≥ 15 doses	5 (2,4%)	0 (0,0%)	5 (2,4%)	0,037

*p – derivado do teste qui-quadrado

DISCUSSÃO

A bebida etílica é um velho problema da sociedade e, apesar de seus graves prejuízos, o álcool ainda é considerado uma droga lícita e continua sendo a droga mais consumida entre jovens que, em sua maioria, encontra no álcool uma função mediadora da sociabilidade e é agente de desinibição e estimulador das relações entre seus pares (WHO, 2014).

Em relação ao perfil acadêmico, nas duas universidades estudadas, verificou-se predominância de jovem com média de idade de 22,8 anos e maior percentual de 18 a 24 anos (68,6%). Carneiro *et al*. (2012), Pinsky *et al*. (2010) e Trostler; LI; Plankey (2014), verificaram que o abuso de álcool e dependência são mais prevalentes em adultos jovens, com idade entre 18 e 24 anos. Ramis *et al*. (2012), em um trabalho realizado em mais de cem cidades brasileiras com mais de 200 mil habitantes, apontou que o consumo de álcool é relevante na faixa etária de 18 a 24 anos e que, 15,5% dessa população, referem dependência. É nesta faixa etária que os jovens estão, com a personalidade em formação e mais vulneráveis a comportamentos pouco saudáveis.

A prevalência de uso de álcool na vida dos acadêmicos de Medicina, no presente estudo, foi de 81,9%, semelhantes às diversas pesquisas (Tabela 7) (BARBOSA *et al*., 2013; CARNEIRO *et al*., 2012; KERR-CORRÊA *et al*., 1999; MARAIS *et al*., 2002; PADUANI *et al*., 2008; PELICIOLI *et al*., 2017; PETROIANU *et al*., 2010; PINHEIRO *et al*., 2017; RAMOS-DIAS *et al*., 2010; ROCHA *et al*., 2011). Estes dados mostram a persistente e alta prevalência de uso de álcool na vida de estudantes de Medicina, nos diversos momentos avaliados. O médico influência direta e indiretamente na saúde pública por meio da habilidade de fazer diagnóstico e tratar, além de servir de modelo para a sociedade. Esse hábito etílico merece atenção por poder causar impacto negativo na atuação dos futuros médicos.

DOI: 10.29327/213319.18.3-3
Páginas 31 a 55

Temas em Saúde
Volume 18, Número 3
ISSN 2447-2131
João Pessoa, 2018

Artigo

TABELA 7: Prevalência de consumidores alcoólicos entre alunos de Medicina

Autores	Local	Prevalência
KERR-CORRÊA *et al*. (1999)	Universidade Estadual Paulista, Botucatu, Brasil	84%
MARAIS *et al*. (2002)	University of the Free State, África do Sul	66,3%
PADUANI *et al*. (2008)	Universidade Federal de Uberlândia, Minas Gerais, Brasil	85,2%
PETROIANU *et al*. (2010)	Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Brasil	85%
RAMOS-DIAS *et al*. (2010)	Faculdade de Ciências Médicas de Sorocaba, São Paulo, Brasil	86%
ROCHA *et al*. (2011)	Instituições privada e pública, Minas Gerais, Brasil	63,3%

DOI: 10.29327/213319.18.3-3
Páginas 31 a 55

Temas em Saúde
Volume 18, Número 3
ISSN 2447-2131
João Pessoa, 2018

Artigo

CARNEIRO *et al*. (2012)	Faculdade de Ciências Médicas e da Saúde de Juiz de Fora, Minas Gerais, Brasil	91%
BARBOSA *et al*. (2013)	Universidade Federal do Maranhão, São Luiz, Maranhão, Brasil	64,4%
PELICIOLI *et al*. (2017)	Instituição de ensino superior do Rio Grande do Sul, Brasil	93,7%
PINHEIRO *et al*. (2017)	Universidade Federal do Ceará, Universidade Estadual do Ceará, Universidade de Fortaleza (Unifor) e Centro Universitário Christus (Unichristus), Fortaleza, Ceará, Brasil	90,8%

A Tabela 4 mostra que a maior parte dos avaliados se enquadrou no grupo de baixo risco ou abstinente (79%). Esse cenário se assemelha ao encontrado em outras pesquisas com estudantes de Medicina (BARBOSA *et al*., 2013; PELICIOLI *et al*., 2017; RAMOS-DIAS *et al*., 2010; ROCHA *et al*., 2011; SILVA; TUCCI, 2014). Pessoas que estão nesta faixa de risco devem ser informadas sobre as consequências do consumo alcoólico. Na grade curricular do curso de Medicina, essas informações são rotineiras, porém, no presente estudo, 21% fazem uso problemático do álcool e são considerados como padrão de consumo alcoólico de risco. Resultado semelhante foi encontrado entre estudantes de Medicina de faculdade de Minas Gerais, sendo 25,2% consumidores de risco (ROCHA *et al*., 2011). Em estudo feito com alunos do curso de Medicina da Universidade Veracruzana, no México, identificou-se que 46% consomem bebidas alcoólicas em níveis problemáticos (PUIG-NOLASCO; CORTAZA-RAMIREZ; CRISTINA PILLON, 2011). Esse padrão é considerado gravemente danoso, o que denota a negligência desses acadêmicos que, embora tenham conhecimento dos riscos à saúde, são praticantes do consumo abusivo do álcool, sendo importante salientar a inserção de programas educativos em meio acadêmico.

Nesta pesquisa, 68,5% dos acadêmicos do sexo masculino e 45,2% das universitárias já praticaram *binge drinking*, alguma vez na vida. Resultado semelhante foi encontrado por Pelicioli *et al*. (2017), correspondendo a 68,5% de estudantes de Medicina praticantes do beber pesado episódico, sendo 70,8% entre os homens e 47,6% entre as mulheres. Estes dados mostram um percentual mais elevado comparado ao I Levantamento Nacional Sobre o Uso de Álcool, Tabaco e Outras Drogas, realizado em 2010, que foi de 25,8% (ANDRADE; DUARTE; OLIVEIRA, 2010). É sabido que os

DOI: 10.29327/213319.18.3-3
Páginas 31 a 55

Temas em Saúde
Volume 18, Número 3
ISSN 2447-2131
João Pessoa, 2018

jovens são vulneráveis à mídia. Portanto é importante, na publicidade de bebidas alcoólicas, a inclusão dos danos e consequências causadas por esta droga.

Na presente pesquisa, as alunas do penúltimo período apresentaram *Binge Drinking* mais significativo do que as que cursavam o primeiro ano do curso. O *Binge Drinking* provoca repercussões negativas em diversos aspectos, inclusive na vida acadêmica dos indivíduos (CARNEIRO *et al*., 2012), principalmente para os do sexo feminino (NÓBREGA; OLIVEIRA, 2005). Esses resultados causam preocupação, já que é bem documentada, na literatura, a maior suscetibilidade desse gênero aos efeitos lesivos do álcool. Na Faculdade de Ciências Médicas e da Saúde de Juiz de Fora, observou-se que 58% de alunas de Medicina, com idade mediana de 21 anos, eram consumidoras de álcool, enquanto que os homens tiveram prevalência de *Binge Drinking* 23% maior do que as mulheres. Destes identificados, 70% responderam que deixaram de fazer o que era esperado, devido ao uso de bebidas alcoólicas (CARNEIRO *et al*., 2012). Segundo a Organização Mundial de Saúde, a prevalência do consumo de bebidas alcoólicas e da quantidade de ingesta em homens, supera a observada no sexo feminino (WHO, 2014). Vale ressaltar que apesar da prevalência ser alta em jovens universitários do sexo masculino, há uma tendência em aumentar o consumo alcoólico entre as mulheres (ANDRADE; DUARTE; OLIVEIRA, 2010). Os homens ficam mais expostos às oportunidades, tanto por beber mais, quanto por influências familiares ou sociais. Além dos fatores socioculturais, nota-se que a mídia direciona, ao sexo masculino, maior incentivo ao consumo de álcool, associando-o a uma maior possibilidade de conquista social. Fato que chama a atenção da importância de ser criada uma obrigatoriedade da mídia de revelar os efeitos danosos do consumo etílico excessivo, similar às normas já existentes referente ao uso do tabaco.

No presente estudo, os acadêmicos de ambos os sexos do primeiro período foram os que mais consumiram dez ou mais doses de álcool, em curto intervalo de tempo. É possível que essa prática tenha iniciado antes do ingresso da vida universitária e que o conhecimento dos danos provocados pelo álcool tenha estimulado a redução do consumo de altas doses etílica, entre o penúltimo e primeiro período do curso de Medicina. No entanto, em pesquisa feita com alunos do primeiro, quarto e sexto ano do curso de Medicina em quatro escolas médicas de Fortaleza, verificou-se alta prevalência do consumo alcoólico e que esta proporção foi crescente entre os semestres, com maior prevalência entre os alunos do internato (PINHEIRO *et al*., 2017). Barborsa *et al*. (2013), observaram maior consumo de álcool entre os estudantes de períodos mais avançados.

DOI: 10.29327/213319.18.3-3
Páginas 31 a 55

Temas em Saúde
Volume 18, Número 3
ISSN 2447-2131
João Pessoa, 2018

Artigo

Acredita-se que os alunos, dos últimos períodos, ficam mais expostos às sobrecargas de estudos, estágios e outras responsabilidades que podem tornar a vida acadêmica estressante, tornando-os mais vulneráveis ao consumo do álcool.

Neste estudo, todos os acadêmicos negaram tabagismo. A droga mais consumida entre os estudantes, em comparação com a população geral, é o álcool, seguida pelo tabaco (CARLINI *et al*., 2002; DE ANDRADE *et al*., 2012; TOCKUS; GONÇALVES, 2008). Um estudo realizado com 300 acadêmicos do curso de Medicina da Universidade Luterana Brasileira (Ulbra) em 2005, no Rio Grande do Sul, apontou prevalência de 18,6% de fumantes (DA CUNHA *et al*., 2005). Em 2012, Carneiro *et al*. (2012), verificaram em seu estudo, uma prevalência de tabagismo de 17%, sendo que 81% destes já fumavam antes da faculdade, com idade mediana de início de 17 anos. Em contrapartida, o percentual de alunos tabagistas na Universidade Federal do Maranhão foi de 1,2% em 2013 (BARBOSA *et al*., 2013). Existem disparidades entre as diversas faculdades de Medicina, e de acordo com o Ministério da Saúde, o percentual de tabagistas entre graduandos do curso médico é menor do que a população geral brasileira. Achados como o do presente trabalho, podem ser decorrentes do desincentivo crescente por parte da mídia no uso do tabaco já que, pesquisas mais recentes mostram índice menores desse hábito.

A maior parte dos estudantes desta pesquisa (80,8%) não exerce trabalho remunerado, e referiam que a média de idade de experimentação da droga ter sido inferior a 18 anos. Idade essa, abaixo da considerada legal para a venda e consumo de bebidas alcoólicas no Brasil. Supõe-se, então, haver desrespeito à lei que proíbe a venda de bebidas alcoólicas a menores de 18 anos ou que seus pais ou responsáveis possam ser coniventes com a aquisição da bebida. É importante a educação familiar, evitando o consumo de bebidas alcoólicas na presença de menores e do maior rigor da fiscalização das vendas.

Verificou-se, ainda neste estudo, que a maioria dos acadêmicos referiram ter religião e que residiam com os pais. Pinheiro *et al*. (2017), em estudo feito com alunos de Medicina do estado do Ceará, observaram que morar com os pais não foi fator de proteção para o consumo de álcool, em nenhum período do curso. Por outro lado, ter religião atuou como protetor desse consumo. Em estudos com acadêmicos da Faculdade de Medicina de Paris VII e de Medicina da Universidade Federal do Maranhão, perceberam-se uma associação significativa entre *Binge Drinking* e morar sozinho

DOI: 10.29327/213319.18.3-3
Páginas 31 a 55

Temas em Saúde
Volume 18, Número 3
ISSN 2447-2131
João Pessoa, 2018

Artigo

(BARBOSA *et al*., 2013; DUROY *et al*., 2017). Pelicioli *et al*. (2017), verificaram que alguns costumes atuam como protetores quanto o uso de álcool, e um deles é integrar grupos religiosos. Geralmente estes não praticam beber pesado e, portanto, não desenvolvem dependência alcoólica. O incentivo à prática religiosa e a orientação familiar quanto aos prejuízos inerentes ao uso problemático do álcool, pode reduzir o consumo etílico entre os adolescentes.

Na presente investigação, a média de idade de experimentação foi de 15,67 anos (DP = 2,62). Outros estudos também verificaram idades precoces de experimentação alcoólica: 12,5 anos (PUIG-NOLASCO; CORTAZA-RAMIREZ; CRISTINA PILLON, 2011) e 15 anos (CARNEIRO *et al*., 2012). Os estudantes que começam a ingerir álcool antes dos 14 anos de idade são quatro vezes mais propensos a se tornarem dependentes, em algum momento da sua vida, em comparação com aqueles que consumiram álcool pela primeira vez com a idade de 20 anos ou mais (GRANT; DAWSON, 1997; MELONI; LARANJEIRA, 2004). O Projeto Europeu de Pesquisas Escolares sobre Álcool e Outras Drogas, através da administração de um questionário a mais de 100.000 estudantes de 35 países europeus, constatou que, na Europa, cerca de 90% dos estudantes de 15 a 16 anos de idade bebem álcool pelo menos uma vez na vida, sendo que 50% destes sãos intoxicados (HIBELL *et al*., 2015). Estes fatos reforçam a importância familiar e das intervenções de políticas públicas preventivas e educativas desde a base escolar, na tentativa de reduzir as consequências do abuso do álcool. O colégio e o ambiente familiar são os locais apropriados para promover a educação para os jovens.

A classificação tradicional das abordagens de prevenção inclui estratégias primárias, secundárias e terciárias: a primária objetiva a redução de riscos e prevenção de novos casos; a secundária, a limitar danos nos estágios iniciais de uma doença e a terciária, a limitar a sequelas a longo prazo e as consequências da doença (KOMRO; STIGLER; PERRY, 2005). Intervenções psicossociais visam o desenvolvimento de habilidades para reduzir esse risco, enquanto as intervenções educacionais para aumentar a consciência dos perigos potenciais do uso de bebida alcoólica (FOXCROFT; TSERTSVADZE, 2011). Na última década, também foram desenvolvidos programas de prevenção contra o álcool baseados em computador e internet (CHAMPION *et al*., 2013). Os programas de prevenção de uso de substâncias nocivas nas escolas foram, inicialmente, caracterizados por intervenções de curto prazo. Tais programas despertam o medo e as consequências dos perigos do consumo dessas substâncias a longo prazo (FAGGIANO *et al*., 2008; GRIFFIN; BOTVIN, 2010). Esses programas deverão ser

DOI: 10.29327/213319.18.3-3
Páginas 31 a 55

Temas em Saúde
Volume 18, Número 3
ISSN 2447-2131
João Pessoa, 2018

melhor aproveitados se adaptados a nível nacional, de acordo com os costumes de cada região.

Os resultados do presente estudo e de outras pesquisas semelhantes precisam ser mais debatidos no meio acadêmico, destacando a elevada prevalência de consumidores alcoólicos de risco na população universitária. É importante o incremento de políticas públicas preventivas por meio de alertas, rastreios e controle de possíveis fatores associados ao consumo de álcool, tanto no meio acadêmico, quanto entre jovens que ainda não ingressaram no ensino superior, com intenção de reduzir o impacto negativo causado pelo consumo etílico.

CONCLUSÃO

Os alunos de Medicina, das duas universidades avaliadas, em sua, maioria são jovens solteiros, católicos e residem com familiares. Esses informaram que o primeiro contato com o álcool ocorreu em idade precoce e a prevalência de consumo alcoólico de risco encontrada foi de 21%. A maior prática de *binge drinking* ocorreu entre estudantes do penúltimo período, principalmente mulheres, enquanto que a prática de ingerir dez ou mais doses de álcool foi prevalente no primeiro período, em ambos os sexos. É importante que essas informações sejam apresentadas aos gestores e universitários com a intenção de reduzir o impacto negativo causado pelo consumo etílico, na atuação dos futuros médicos.

REFERÊNCIAS

AMARAL, R. A. et al. Intention to Drive After Drinking Among Medical Students: Contributions of the Protection Motivation Theory. **Journal of Addiction Medicine**, v. 11, n. 1, p. 70–76, fev. 2017.

ANDRADE, A. G.; DUARTE, P.; OLIVEIRA, L. G. DE. I levantamento nacional sobre o uso de álcool, tabaco e outras drogas entre universitários das 27 capitais brasileiras. **Brasília: Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas**, v. 1, 2010.

DOI: 10.29327/213319.18.3-3
Páginas 31 a 55

Temas em Saúde
Volume 18, Número 3
ISSN 2447-2131
João Pessoa, 2018

Artigo

BARBOSA, F. L. et al. Uso de álcool entre estudantes de medicina da Universidade Federal do Maranhão. **Rev. bras. educ. méd**, v. 37, n. 1, p. 89–95, 2013.

CARDOSO, F. M. et al. Factors associated with practice of binge drinking among students of health. **Revista CEFAC**, v. 17, n. 2, p. 475–484, abr. 2015.

CARLINI, E. A. et al. II Levantamento domiciliar sobre o uso de drogas psicotrópicas no Brasil: estudo envolvendo as 108 maiores cidades do país. **São Paulo: Cebrid/Unifesp**, 2002.

CARNEIRO, E. B. et al. Factors associated with heavy episodic drinking among medical students. **Revista Brasileira de Educação Médica**, v. 36, n. 4, p. 524–530, dez. 2012.

CHAMPION, K. E. et al. A systematic review of school-based alcohol and other drug prevention programs facilitated by computers or the internet. **Drug and Alcohol Review**, v. 32, n. 2, p. 115–123, mar. 2013.

COOK, W. K. et al. Asian American problem drinking trajectories during the transition to adulthood: ethnic drinking cultures and neighborhood contexts. **American Journal of Public Health**, v. 105, n. 5, p. 1020–1027, maio 2015.

DA CUNHA, D. P. et al. Prevalência do tabagismo entre estudantes de Medicina e fatores de risco associados Prevalence of tobacco smoking among medical students and associated risk factors. **Revista AMRIGS**, v. 49, n. 1, p. 16–19, 2005.

DE ANDRADE, A. G. et al. Use of alcohol and other drugs among Brazilian college students: effects of gender and age. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, v. 34, n. 3, p. 294–305, 2012.

DUROY, D. et al. [Hazardous drinking in Parisian medical students]. **L'Encephale**, v. 43, n. 4, p. 334–339, ago. 2017.

Temas em Saúde
Volume 18, Número 3
ISSN 2447-2131
João Pessoa, 2018

Artigo

FAGGIANO, F. et al. School-based prevention for illicit drugs use: a systematic review. **Preventive Medicine**, v. 46, n. 5, p. 385–396, maio 2008.

FOXCROFT, D. R.; TSERTSVADZE, A. Universal school-based prevention programs for alcohol misuse in young people. **The Cochrane Database of Systematic Reviews**, n. 5, p. CD009113, 11 maio 2011.

FURTADO, E. F.; YOSETAKE, L. L. Coisas simples que todo médico pode fazer para tratar o alcoolismo: você já faz. **Rev Med Sigma Pharma**, v. 1, n. 2, p. 13–7, 2005.

GARCIA, L. P.; FREITAS, L. R. S. DE. Consumo abusivo de álcool no Brasil: resultados da Pesquisa Nacional de Saúde 2013. **Epidemiologia e Serviços de Saúde**, v. 24, n. 2, p. 227–237, jun. 2015.

GRANT, B. F.; DAWSON, D. A. Age at onset of alcohol use and its association with DSM-IV alcohol abuse and dependence: results from the National Longitudinal Alcohol Epidemiologic Survey. **Journal of Substance Abuse**, v. 9, p. 103–110, 1997.

GRIFFIN, K. W.; BOTVIN, G. J. Evidence-Based Interventions for Preventing Substance Use Disorders in Adolescents. **Child and adolescent psychiatric clinics of North America**, v. 19, n. 3, p. 505–526, jul. 2010.

HIBELL, B. et al. The 2007 ESPAD report: substance use among students in 35 European countries. 2009. **European Monitoring Centre for Drugs and Drug Addiction (EMCDDA). Stockhom: The Swedish Council for Information on Alcohol and Other Drugs (CAN)**, 2015.

KERR-CORRÊA, F. et al. Uso de álcool e drogas por estudantes de medicina da Unesp. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, p. 95–100, 1999.

KOMRO, K. A.; STIGLER, M. H.; PERRY, C. L. Comprehensive approaches to prevent adolescent drinking and related problems. **Recent Developments in Alcoholism: An Official Publication of the American Medical Society on**

Temas em Saúde
Volume 18, Número 3
ISSN 2447-2131
João Pessoa, 2018

Artigo

Alcoholism, the Research Society on Alcoholism, and the National Council on Alcoholism, v. 17, p. 207–224, 2005.

LEIBSOHN, J. The Relationship between Drug and Alcohol Use and Peer Group Associations of College Freshmen as They Transition from High School. **Journal of Drug Education**, v. 24, n. 3, p. 177–192, 1 set. 1994.

LIMA, C. T. et al. Concurrent and construct validity of the audit in an urban brazilian sample. **Alcohol and Alcoholism (Oxford, Oxfordshire)**, v. 40, n. 6, p. 584–589, dez. 2005.

LORANT, V. et al. Alcohol drinking among college students: college responsibility for personal troubles. **BMC Public Health**, v. 13, n. 1, p. 615, 28 jun. 2013.

MARAIS, A. L. et al. Alcohol use among sixth-year medical students at the University of the Free State. **South African Journal of Psychiatry**, v. 8, n. 3, p. 79–84, 2002.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Instituto Nacional de Câncer. Programa Nacional de Controle do Tabagismo e Outros Fatores de Risco de Câncer. Modelo Lógico e Avaliação. 2ª ed. Rio de Janeiro; 2003**. Disponível em: <http://www2.inca.gov.br/wps/wcm/connect/acoes_programas/site/home/nobrasil/programa-nacional-controle-tabagismo/programa-nacional>. Acesso em: 25 nov. 2017.

NATIVIDADE, J. C. et al. Personality factors as predictors of alcohol consumption by university students. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 28, n. 6, p. 1091–1100, jun. 2012.

NIAAA. National Institute on Alcohol Abuse and Alcoholism. College drinking. 2015.

NÓBREGA, M. DO P. S. S.; OLIVEIRA, E. M. DE. Alcohol consumption among women: a qualitative analysis. **Revista de Saúde Pública**, v. 39, n. 5, p. 816–823, out. 2005.

Temas em Saúde
Volume 18, Número 3
ISSN 2447-2131
João Pessoa, 2018

PADUANI, G. F. et al. Consumo de álcool e fumo entre os estudantes da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Uberlândia. **Revista brasileira de educação médica**, v. 32, n. 1, p. 66–75, 2008.

PATRICK, M. E. et al. Extreme binge drinking among 12th-grade students in the United States: prevalence and predictors. **JAMA pediatrics**, v. 167, n. 11, p. 1019–1025, 2013.

PELICIOLI, M. et al. Perfil do consumo de álcool e prática do beber pesado episódico entre universitários brasileiros da área da saúde. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, v. 66, n. 3, p. 150–156, set. 2017.

PETROIANU, A. et al. Prevalência do consumo de álcool, tabaco e entorpecentes por estudantes de medicina da universidade federal de minas gerais. **Rev. Assoc. Med. Bras.(1992)**, v. 56, n. 5, p. 568–571, 2010.

PEUKER, A. C.; FOGAÇA, J.; BIZARRO, L. Expectativas e beber problemático entre universitários. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 22, n. 2, p. 193–200, ago. 2006.

PINHEIRO, M. DE A. et al. Prevalência e Fatores Associados ao Consumo de Álcool e Tabaco entre Estudantes de Medicina no Nordeste do Brasil. **Revista Brasileira de Educação Médica**, v. 41, n. 2, p. 231–239, jun. 2017.

PINSKY, I. et al. First National survey on patterns of alcohol consumption in the Brazilian population. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, v. 32, n. 3, p. 214–215, set. 2010.

PUIG-NOLASCO, A.; CORTAZA-RAMIREZ, L.; CRISTINA PILLON, S. Consumo de alcohol entre estudiantes mexicanos de medicina. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, v. 19, 2011.

RAMIS, T. R. et al. Smoking and alcohol consumption among university students: prevalence and associated factors. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, v. 15, n. 2, p. 376–385, jun. 2012.

DOI: 10.29327/213319.18.3-3
Páginas 31 a 55

Temas em Saúde
Volume 18, Número 3
ISSN 2447-2131
João Pessoa, 2018

Artigo

RAMOS-DIAS, J. C. et al. Quality of life among 100 medical students at the Catholic University in Sorocaba, São Paulo. **Revista Brasileira de Educação Médica**, v. 34, n. 1, p. 116–123, mar. 2010.

ROCHA, L. A. et al. Consumo de álcool entre estudantes de faculdades de Medicina de Minas Gerais, Brasil. **Rev Bras Educ Med**, v. 35, n. 3, p. 369–75, 2011.

SANTOS, W. S. DOS et al. Alcohol Use Disorder Identification Test (AUDIT): exploring its psychometric parameters. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, v. 61, n. 3, p. 117–123, 2012.

SILVA, É. C.; TUCCI, A. M. Estudo transversal sobre o uso de risco de álcool em uma amostra de estudantes de uma universidade federal brasileira. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, v. 63, n. 4, p. 317–325, dez. 2014.

TOCKUS, D.; GONÇALVES, P. S. Detecção do uso de drogas de abuso por estudantes de medicina de uma universidade privada. **J Bras Psiquiatr**, v. 57, n. 3, p. 185–7, 2008.

TROSTLER, M.; LI, Y.; PLANKEY, M. W. Prevalence of binge drinking and associated co-factors among medical students in a U.S. Jesuit University. **The American Journal of Drug and Alcohol Abuse**, v. 40, n. 4, p. 336–341, jul. 2014.
WAGNER, G. A.; ANDRADE, A. G. DE. The use of alcohol, tobacco and other drugs among Brazilian college students. **Archives of Clinical Psychiatry (São Paulo)**, v. 35, p. 48–54, 2008.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Global status report on alcohol and health**. Genebra, Suíça: World Health Organization, 2014.